



**DO CAMPO AO GALPÃO:
PROLETARIZAÇÃO
SERTANEJA NA ATIVIDADE
CERAMISTA NA REGIÃO
BAIXO JAGUARIBE, CE**

FROM THE FIELD TO THE SHED:
PROLETARIANIZATION IN THE CERAMIC
ACTIVITY IN THE BAIXO JAGUARIBE REGION,
CE

DEL CAMPO AL GALPÓN: PROLETARIZACIÓN EN
LA ACTIVIDAD CERÁMICA EN LA REGIÓN DEL
BAJO JAGUARIBE, CE

 10.5935/2177-6644.20230034

Francisco de Assis Mendes *

 [0009-0003-4728-5541](https://orcid.org/0009-0003-4728-5541)

Resumo: O trabalho com o barro tradicionalmente desenvolvido por artesãos e oleiros na Região Baixo Jaguaribe, no Ceará, passou por transformações profundas a partir da década de 1960 ao incorporar o uso do maquinário. As antigas olarias foram dando lugar às fábricas de telhas e tijolos que ampliaram a demanda por matéria-prima e mão de obra, atraindo sujeitos de outras cidades do Ceará e de estados vizinhos em busca das vagas de trabalho. Utilizando censos demográficos e fontes orais, o objetivo desse artigo é investigar as trajetórias desses trabalhadores, analisando o processo de proletarização que alcança esses sujeitos ao se tornarem operários, se inserindo na lógica fabril e se distanciando da agricultura e da vida camponesa.

Palavras-Chave: Sertanejo. Atividade ceramista. Proletarização.

Abstract: The work with clay traditionally developed by artisans and potters in the Baixo Jaguaribe Region, in Ceará, underwent profound transformations from the 1960s onwards by incorporating the use of machinery. The old potteries gave way to tile and brick factories that increased the demand for raw materials and labor, attracting subjects from other cities in Ceará and neighboring states in search of job opportunities. Using demographic censuses and oral sources, the objective of this article is to investigate the trajectories of these workers, analyzing the process of proletarianization that reaches these subjects when they become workers, inserting themselves in the factory logic and distancing themselves from agriculture and peasant life.

Key-words: Sertanejo. Ceramic activity. Proletarianization.

Resumen: El trabajo con arcilla desarrollado tradicionalmente por artesanos y alfareros en la Región del Bajo Jaguaribe, en Ceará, sufrió profundas transformaciones a partir de la década de 1960 al incorporar el uso de maquinaria. Las antiguas alfarerías dieron paso a fábricas de ladrillos y tejas que aumentaron la demanda de materias primas y mano de obra, atrayendo a personas de otras ciudades de Ceará y estados vecinos en busca de trabajo. Utilizando censos demográficos y fuentes orales, el objetivo de este artículo es investigar las trayectorias de estos trabajadores, analizando el proceso de proletarización que alcanza a estos sujetos cuando se convierten en obreros, pasando a formar parte de la lógica fabril y distanciándose de la agricultura y de la vida campesina.

Palabras-clave: Hombre de campo. Actividad cerámica. Proletarización.

* Doutorando em História Social pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Professor vinculado à Rede Municipal de Educação de Limoeiro do Norte - Ceará.  [5112840664318276](https://orcid.org/5112840664318276) - E-mail: profmsmendes70@gmail.com.

Introdução

Esse texto apresenta parte das reflexões relacionadas à pesquisa que se encontra em curso para a produção de tese de doutorado em História Social que trata dos trabalhadores da atividade ceramista no estado do Ceará. O esforço empreendido está voltado para a compreensão do processo de mudanças que alcançou esses trabalhadores ao se deslocarem entre fronteiras geográficas, mas sobretudo, ao serem atravessados por experiências no mundo do trabalho, enquanto transitavam de uma condição para a outra, ao se afastarem da tradição agrícola, e se tornarem operários nas fábricas de cerâmica.

As fontes utilizadas são censos demográficos do IBGE, e entrevistas orais. Os censos corroboram a tese de que o aumento populacional esteve relacionado ao desenvolvimento da atividade ceramista, além de nos permitir observar a curva ascendente da população no período de maior crescimento no número de fábricas em funcionamento nas áreas polos de produção cerâmica.

Através de método comparativo entre o número de habitantes de municípios da Região Baixo Jaguaribe inferimos o crescimento acima da média no município de Russas, principal polo ceramista do Ceará. No nível de município, recorreremos à comparação entre os distritos que compõem o município de Russas, relacionando a dinâmica populacional com a concentração – ou não – de um maior número de fábricas.

Convém ressaltar que de onde mais “jorram” as contribuições são as fontes orais, das entrevistas realizadas com ex-trabalhadores das fábricas de cerâmica, cujas experiências narradas nos aproximam do passado por eles subjetivado. Durante as entrevistas tal passado é “revisitado” através do ato de rememorar e é contado através dos enunciados que utilizam para refazer suas trajetórias. É necessário destacar, ainda, que a continuidade das experiências desses sujeitos leva a uma constante reelaboração das subjetividades, e assim, a maneira como esse passado é narrado não está incólume as ranhuras do tempo.

Três narradores contribuíram para a construção desse texto com suas reminiscências dos tempos de fábrica. Optamos pelas entrevistas realizadas com dois migrantes vindos para o município de Russas, provenientes da cidade de Alto Santo, Região do Médio Jaguaribe, ainda que habitantes de comunidades distintas: um de Caraúbas, outro do Castanhão. O terceiro entrevistado já habitava no município de Russas e assim como os dois primeiros, praticava a agricultura antes de se tornar operário do setor ceramista. As entrevistas foram

realizadas nas suas respectivas residências, foram gravadas e transcritas, num exercício que demanda tempo e paciência, mas que julgamos ser importante para uma apreensão e aprendizagem mais profunda sobre os fatos narrados. Uma apresentação mais detalhada de cada um desses sujeitos vai anteceder o primeiro trecho citado de suas entrevistas.

Uma breve discussão sobre proletarização e identidade é feita ao longo do texto para subsidiar a análise e a compreensão das questões relacionadas às transformações na vida dos sujeitos dessa pesquisa: os trabalhadores das fábricas de cerâmica. Outro esforço teórico é o estabelecimento de diálogo com a história ambiental, que nos permite analisar a relação homem, trabalho e natureza para melhor compreender as consequências da interação entre essas partes. Ao considerar o lugar da natureza na temática em questão, estamos elegendo uma visão da história que enxerga o espaço geográfico ou o meio natural onde se desenrolam as ações humanas ao longo do tempo.

A perspectiva de interação e de interdependência entre o homem e o meio permite pensar e descrever o socioespacial da Região Baixo Jaguaribe que está localizada no leste do estado do Ceará. Neste espaço geográfico a disponibilidade de recursos naturais foi fundamental para o desenvolvimento da atividade ceramista, uma vez que, para produzir as peças de barro são necessários alguns requisitos, tais como um tipo de solo adequado, água em abundância, clima quente para secagem das peças e lenha para a queima nos fornos onde ocorre o cozimento. Ao se utilizarem desses recursos para produzirem peças de cerâmica destinadas a várias finalidades, os habitantes dessa região acumularam um saber que acabou sendo utilizado no contexto da produção fabril.

A natureza é aqui levada em consideração para auxiliar na compreensão dos fatores propiciadores da atividade ceramista e, ao mesmo tempo, indica um sinal de atenção às mudanças epistemológicas ocorridas no século XX, entre outras, “[...] em relação ao entendimento do mundo natural e de seu lugar na vida humana” (PÁDUA, 2015, p. 19).

Nesse sentido, é necessário destacar a presença do Rio Jaguaribe que se estende por áreas mais ao leste do Ceará, e que serviu como referência para nomear uma das macrorregiões do estado – a Região Jaguaribana –, bem como as sub-regiões, Alto, Médio e Baixo Jaguaribe. Esta última, compreende o recorte espacial aqui considerado. Já em termos de recorte temporal, iniciamos pelo ano de 1964, quando foi construída a primeira fábrica de

cerâmica no município de Russas, hoje o principal polo ceramista no Ceará, e nos estendemos até o ano de 2010, quando foi realizado o último censo demográfico de uma série analisada¹.

Além de influenciar na nomenclatura das regiões cearenses, o Rio Jaguaribe, desde tempos remotos, apresentou enchentes nos períodos chuvosos que depositaram seguidamente materiais nas suas margens, contribuindo para a formação de solo aluvinoso nas áreas de várzea, considerado propício para o fabrico de peças de cerâmica. Desse modo, a produção de cerâmica nas ribeiras do Jaguaribe já ocorria antes da ocupação colonizadora, uma vez que, para alguns estudiosos a cerâmica era uma das atividades presentes nas aldeias indígenas cearenses, que influenciou na fixação de alguns povos em certos territórios.

Trabalhadores do barro: artesãos, oleiros e operários

Historicamente, na Região Baixo Jaguaribe, o barro foi utilizado como matéria prima para diversos fins, como no caso da construção das casas de taipa, exemplo tão representativo da paisagem sertaneja, seja na composição das paredes ou nas telhas que cobriam tais residências. Os oleiros tiveram grande importância quando essas construções passaram a ter suas estruturas feitas predominantemente de alvenaria, pois eram nas antigas olarias ou “grelhas” que os oleiros produziam de forma manufaturada os tijolos e telhas que passaram a compor essas estruturas.

No passado também era comum, nos lares das famílias sertanejas, a existência de objetos utilitários feitos de barro como potes, quartinhas, alguidares, entre outros, produzidos por artesãos que uniam arte e trabalho. Na localidade do Córrego de Areia, no município de Limoeiro do Norte, essa tradição se mantém através das louceiras que ainda produzem esses objetos. Para Francisca Mendes (2011), a atividade desenvolvida por essas artesãs vai além da dimensão concreta, pois têm fortes impactos na sociabilidade e nos arranjos que implicam, para essas mulheres, na “[...] criação e recriação de seu universo cultural particular” (MENDES, 2011, p. 206).

Desse modo, o trabalho com o barro se apresenta na história dos habitantes da Região Baixo Jaguaribe, seja na sua forma artesanal, manufaturada ou industrializada, constituindo-se numa temática importante que permite, por exemplo, compreender alguns processos de modernização no mundo do trabalho, bem como, as formas como essas

¹ De acordo com levantamento realizado em 2008 por diversas secretarias do estado durante a elaboração do Plano de Arranjo Produtivo Local – APL, o município de Russas apresentava o maior número de cerâmicas do Estado (cerca de 90 empresas), que eram responsáveis por 78% da produção de telhas.

mudanças marcaram as experiências dos sujeitos. Com foco no advento da fábrica de cerâmica, o objetivo desse texto é trazer uma análise do processo de proletarização evidenciado nas narrativas dos sujeitos entrevistados, compreendendo como estes foram paulatinamente se distanciando do trabalho agrícola e do modo de vida camponesa ao se tornarem operários das fábricas, cruzando a fronteira que os levou à condição de peões de cerâmica, forma como são comumente conhecidos esses trabalhadores.

Acabou com o sítio... aí foi o tempo que eu fui pra cerâmica

O título desta seção é um fragmento da narrativa do Sr. Vicente² que no ano de 1982 deixou a localidade de Castanhão, no município de Alto Santo - Ceará e mudou-se para o distrito de Flores, no município de Russas - Ceará, juntamente com seu pai, mãe, três irmãos e uma irmã. Deixou o trabalho nas fábricas, segundo o mesmo porque “não aguenta mais” devido as dores que atingem sua coluna. Hoje, com 55 anos, realiza alguns “bicos” para complementar as despesas da família que ele compõe com sua esposa, e um filho adulto.

Na década de 1980 o setor ceramista estava em amplo crescimento e as vagas de trabalho nas fábricas de telhas e tijolos de Russas constituíam um dos principais fatores de atração de novas famílias para o município. Interessante destacar que embora ao chegar no novo lugar de morada, o Sr. Vicente tenha trabalhado em um sítio, posteriormente, ele ingressou numa dessas fábricas se tornando operário.

A mudança do Sr. Vicente foi intermediada por uma tia que havia se mudado anteriormente para o distrito de Flores, o que sugere haver uma rede de apoio envolvendo familiares já instalados e servindo como referência, ou “abrindo caminho” para os que vieram depois. A constituição dessas redes de solidariedade foi analisada por Paulo Fontes (2008) no contexto da migração de Nordestinos para São Paulo, nos auxiliando a enxergar a migração não apenas como processo desordenado, mas como fruto de atitudes pensadas e articuladas com antecedência, como que buscando uma segurança maior para a decisão de migrar.

Além da solidariedade entre familiares ou conhecidos, essas redes podem se constituir a partir de iniciativas dos patrões como forma de atender às necessidades de mão-de-obra buscando trabalhadores como o Sr. Vicente que narrou sobre seu lugar de origem, o modo de vida e motivos para sua mudança:

² Utilizarei nomes fictícios para preservar a identidade dos entrevistados ou de sujeitos citados por eles.

Lá o município é Alto Santo, mas o lugar que a gente morava lá era Castanhão [...] é, era agricultura, a gente trabalhava em sítio né? Nós tudo lá trabalhava em sítio, aí adepois papai vendeu lá, comprou essa casinha aqui, aí nós tivemos um tempo, tive muito tempo trabalhando mais ele lá no João de Eunício acolá, era eu e ele. Era em sítio também, né? (Sr. VICENTE, 2022).

Uma vez que o sítio do pai era composto pela casa e pelas terras de plantio, ou seja, era ao mesmo tempo lugar de morada e de trabalho, a decisão de venda da terra em questão gerou uma situação de dupla perda ou privação para a família. Ao chegar no distrito de Flores, o pai provavelmente utilizou o recurso obtido para comprar uma casa, ficando a família desprovida de terras.

Conforme narrou, o Sr. Vicente passou à condição de assalariado juntamente com seu pai, uma vez que os dois foram trabalhar para o proprietário de um sítio no novo lugar de morada. É provável que a opção pelo trabalho em sítio particular fosse uma demonstração do desejo de continuar exercendo, na agricultura, atividades que bem sabiam executar por fazerem parte de seus costumes. No entanto, como demonstrou Mendes (2012), na década de 1980 o distrito de Flores se tornou um dos principais polos ceramistas de Russas, e assim, todos os caminhos levavam para as fábricas de telhas e tijolos, comumente chamadas de cerâmicas:

Aí adepois o véi [velho] lá, o João de Eunício acabou com o sítio, aí foi no tempo que o papai se aposentou, aí eu fiquei, aí justamente foi [...] aí foi o tempo que eu fui pra cerâmica. Aí lá na cerâmica comecei assim. Comecei carregando apara, adepois eu passei pra lancear, aí eu comecei também carregando grade também né? As vezes na vaga de outro (Sr. VICENTE, 2022).

Ficando sem terras para plantar, as escolhas no mundo do trabalho fugiam das mãos do Sr. Vicente e o tornavam dependente daqueles que possuíam os meios de produção, o que lhe colocava em situação de desvantagem com a restrição de suas opções. Tendo “acabado” o sítio onde trabalhava, a ele restou como alternativa buscar uma vaga como operário nas fábricas de cerâmica.

A narrativa do entrevistado, organizada numa sequência temporal, apresenta o termo “aí” para fazer a conexão entre os fatos ou situações. No trecho anteriormente citado, ficou evidenciado que pai e filho passaram de trabalhadores proprietários a trabalhadores desapropriados e assalariados. Isto também nos informa sobre o momento de outra mudança: quando o entrevistado deixa as atividades no sítio para se tornar peão de cerâmica. Desprovido de terras e afastado do trabalho agrícola, ao ingressar na fábrica vendendo sua força de trabalho, o Sr. Vicente se submete à exploração em uma jornada marcada pelo ritmo

da máquina, o que demonstra que ele vivenciava o processo que podemos chamar de proletarização.

A análise do termo proletário pode nos remeter às discussões sobre definição de grupos ou classes sociais e até sobre variações desse conceito ao longo do tempo. Na Roma antiga o proletariado se referia a grupos não tão definidos, mas, desprovidos de posses que tinham como papel fornecer seus filhos, ou sua “prole”, para servirem como soldados ao Império Romano. Posteriormente, o surgimento dos estados nacionais elevou a preocupação com a definição das classes que compunham a sociedade e, nesse contexto, alguns estudiosos chegaram a incluir junto aos trabalhadores, os mendigos, as prostitutas e os ladrões como integrantes do proletariado (CASSAGNAC, 1838). Percebe-se, portanto, que proletário, como todo conceito histórico, pode guardar variações de sentido, a depender do contexto.

Para Van der Linden (2016), além da formação dos Estados nacionais, a definição de classes sociais também se deveu:

[...] a expansão dos circuitos comerciais e as diferenças crescentes de renda que daí resultaram. Além disto, a ascensão das manufaturas e fábricas foi gradualmente impossibilitando artífices e outros trabalhadores qualificados de se tornarem empreendedores (VAN DER LINDEN, 2016, p. 88).

Se a formação dos Estados nacionais serviu para gerar debates sobre a estrutura social, buscando melhor definir as classes que a compõem, é no contexto do surgimento das fábricas que se amplia a distinção entre capitalistas e trabalhadores, quando as antigas oficinas vão desaparecendo e os artífices vão perdendo sua autonomia ao se tornarem operários. Nessa nova condição, os antigos artesãos passam a experimentar medidas como a divisão do trabalho, a supervisão de suas tarefas, além do uso de relógios ou sinos que marcavam o tempo da jornada, medidas que, de acordo com Thompson (1998), tinham como objetivo formar novos hábitos de trabalho e impor uma disciplina do tempo. Por essas e por outras razões, a afirmação de que o “[...] maior dilema enfrentado pelo moderno artífice-artesão é a máquina” (SENNET, 2009, p. 89), sobretudo porque as mudanças afetavam profundamente a experiência de produção.

A Revolução Industrial exacerbou ainda mais as diferenças entre essas duas classes: a burguesia e o proletariado. Se por um lado havia a acumulação de riquezas, por outro os trabalhadores se veem desprovidos dos meios de produção, oferecendo sua força de trabalho em troca de baixos salários e expostos a condições subumanas que acabam por incitar o surgimento de levantes desses trabalhadores contra seus patrões.

Foi sobre esse contexto que Marx se debruçou para elaborar sua crítica ao capitalismo, definindo o que constitui o proletariado, sua condição e sua função na história. Muito provavelmente essa acepção do termo proletário foi a mais difundida e remonta, portanto, aos debates sobre classe e luta de classes do século XVIII. É a concepção exposta nos escritos marxianos que vai dar ao proletariado um sentido universal e revolucionário, apontando para a tomada de poder pelos trabalhadores e, desse modo, atribuindo uma perspectiva teleológica à História.

Nos casos aqui analisados temos como sujeitos os trabalhadores das fábricas de cerâmica, o fato deles serem desprovidos dos meios de produção e de serem explorados de várias formas. Dentre elas, podemos citar o recebimento de baixos salários em troca de sua força de trabalho, a não remuneração de horas extras trabalhadas e o fato de serem submetidos a um ambiente insalubre, como situações que nos permite definir a condição desses sujeitos enquanto proletários.

Embora considerando a possibilidade de existência de um proletariado rural, não era essa a condição anterior da maioria, como nos casos dos trabalhadores entrevistados. Estes, antes de ingressarem nas fábricas, eram praticantes da agricultura em suas próprias terras e ao se tornarem operários cruzaram não apenas fronteiras geográficas, pois, quando passaram de uma condição à outra, cruzaram também fronteiras simbólicas. É esse processo de proletarização que procuramos evidenciar aqui, demonstrando que, embora no caso de fábricas localizadas em algumas áreas mais rurais, alguns peões das cerâmicas possuidores de terras ou arrendatários continuassem a praticar a agricultura durante o período de chuvas, quando por vezes a produção das cerâmicas podia ser interrompida, a grande maioria foi se distanciando do trabalho no campo e a atividade nas fábricas de cerâmica passou a ser a única desenvolvida.

Para além dos números: o que revelam os censos demográficos

As fontes utilizadas nesse trabalho foram entrevistas orais com ex-operários das fábricas de cerâmica, além de censos demográficos do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), numa série que engloba o recorte temporal proposto, que nos permite analisar a dinâmica populacional nesse período, destacando os censos de 1980 e 1991 que fornecem dados sobre a década de 1980, período que sustentamos ser o de maior crescimento do setor ceramista.

Essas duas tipologias de fontes são fundamentais para demonstrar dois aspectos importantes: os dados populacionais dos censos, para corroborar a relação entre desenvolvimento da atividade ceramista e crescimento do fluxo de indivíduos ou núcleos familiares inteiros que se deslocaram atraídos pelas vagas de trabalho na atividade ceramista. Por sua vez, os relatos orais dão voz a esses sujeitos, possibilitando compreender e historicizar suas trajetórias a partir do lugar de origem ao lugar que passam a ocupar no novo contexto socioespacial.

De acordo com Humberlúcia Lima (2003), a primeira fábrica de cerâmica foi montada na área sede de Russas no ano de 1964. Já no distrito de Flores, a primeira fábrica foi erguida no ano de 1981, seguida pela construção de outras dez até o ano de 1990, como demonstrado por Mendes (2012). Desse modo, foi a década de 1980 que concentrou o surgimento do maior número das fábricas no distrito de Flores, se considerarmos que essa localidade chegou a contar com 18 fábricas ativas. Com base nesses números, ponderamos que a década de 1980 se destacou no que diz respeito ao crescimento do setor ceramista na Região Baixo Jaguaribe. Nesse período, os censos demográficos de 1980 e 1991 nos dão uma noção do aumento de habitantes do município de Russas, se compararmos seus números com os de cidades circunvizinhas, conforme observamos na tabela a seguir:

Tabela 1: (Municípios) Russas e circunvizinhos

| Município | Censo 1980 | Censo 1991 |
|-------------------|-------------------|-------------------|
| RUSSAS | 35.517 | 46.566 |
| QUIXERÉ | 12.483 | 13.801 |
| LIMOEIRO DO NORTE | 32.757 | 41.700 |
| MORADA NOVA | 64.536 | 58.912 |

Diante dos dados, deduzimos que em um período de onze anos os números referentes ao Município de Quixeré mostram um crescimento de 10,5% na população, que se ampliou mais recentemente com a vinda de empresas do agronegócio, com a construção de parque solar e com a instalação de uma fábrica têxtil.

Na década de 1980, o Município de Limoeiro do Norte recebeu a montagem de algumas fábricas de cerâmica e projetos de agronegócio. O fato de possuir uma economia diversificada e uma localização estratégica na região contribuiu significativamente para um aumento de 27,3%. No tocante ao Município de Morada Nova, a diminuição do número de habitantes para 5.624 é explicada, em parte, pelo desmembramento de um dos seus distritos

denominado Ibicuitinga, que foi elevado à categoria de município no ano de 1988. Fica demonstrado, portanto, que o Município de Russas, com crescimento populacional de 31,2%, indica uma taxa bem superior se comparado com municípios circunvizinhos.

Ao mesmo tempo em que a atividade ceramista se expandia no distrito de Flores, sua população também se ampliava consideravelmente, recebendo novos moradores vindos de cidades da mesma região jaguaribana como Morada Nova, Orós, Jaguaribe, Jaguaribara, Alto Santo, ou mesmo de cidades do Rio Grande do Norte como Baraúna ou Apodi. Os censos demográficos de 1980 e 1991 disponibilizados na tabela a seguir, possibilitam a comparação de dados das áreas distritais do município e demonstram que algumas delas chegaram a apresentar diminuição de sua população, podendo indicar uma mobilidade dentro do próprio município, ou a saída para outros destinos como a capital do estado.

Tabela 2: (distritos do município de Russas)³

| Distrito | Censo 1980 | Censo 1991 |
|------------------|------------|------------|
| RUSSAS (SEDE) | 27.073 | 33.669 |
| FLORES | 3.848 | 6.509 |
| BONHÚ | 4.135 | 2.452 |
| SÃO JOÃO DE DEUS | 3.461 | 2.007 |
| LAGOA GRANDE | - | 1.019 |
| PEIXE | - | 910 |

Entre os censos de 1980 e 1991, os números do IBGE demonstram um crescimento de 69% na população do Distrito de Flores, superior à média geral de crescimento da população do município de Russas, que ficou em 31,2% (Tabela 1). O aumento do número de habitantes em Flores é bastante amplo se comparado aos números do distrito sede do município, que apresentou taxa de crescimento de 24 %. Os demais distritos pesquisados – Bonhú e São João de Deus – apresentaram diminuição no número de habitantes. Por sua vez, os dados dos distritos de Lagoa Grande e Bonhú não estão presentes no censo de 1980, impossibilitando medir a variação de habitantes até o censo de 1991.

O censo demográfico realizado no ano 2000 contabilizou 6.704 habitantes no Distrito de Flores, representando um aumento de apenas 195 habitantes em relação aos números do

³ O município de Russas está dividido em cinco distritos. Flores criado no ano 1951, Bonhú, criado em 1933 e São João de Deus elevado a distrito em 1963. Os distritos de Lagoa Grande e Peixe não aparecem nos censos em análise. Provavelmente, porque essas localidades foram elevadas à categoria de distrito no ano de 1988, não se constituindo até o ano de 1991, setores censitários do IBGE.

ano de 1991. Vale ressaltar que na década de 1990 a atividade ceramista atravessou um longo período de crise, o que teria influenciado o desaquecimento do crescimento populacional de Flores. Somado a isso, os projetos de irrigação instalados na região passaram a atrair trabalhadores para outras áreas onde não havia predominância do setor ceramista.

Os números apresentados são importantes para demonstrar a relação entre a atividade ceramista e o crescimento populacional nos seus principais polos. Na atualidade, segundo a Secretaria de Desenvolvimento econômico do município, Russas possui aproximadamente 80 fábricas em funcionamento, o que o torna o principal polo ceramista do Estado do Ceará. Por sua vez, o distrito de Flores concentra 15 dessas fábricas, se tornando o principal polo ceramista de Russas.

Contudo, os números dos censos traduzem algo mais, para além de dimensionarem o fluxo de pessoas atraídas pelas possibilidades de trabalho nas fábricas de telhas e tijolos. Isto significa que muitos indivíduos ou até mesmo famílias inteiras buscaram, através da migração, atender às suas necessidades diversas num ato que quase sempre é marcado por incertezas e alterações na experiência humana, seja na sociedade de saída ou na sociedade de chegada.

A perspectiva da imigração como um fenômeno social complexo se ancora nas proposições de Abdelmalek Sayad. Para esse autor, “falar de imigração é falar da sociedade como um todo” (SAYAD, 1998, p. 16), é levar em conta a perspectiva histórica da migração como fenômeno que ocorre no interior de sociedades - de saída, de trânsito e de chegada - com estruturas e funcionamento diversos e distintos. Embora não estejamos tratando aqui de imigração, ou que esses sujeitos não estivessem chegando em uma nação distante, com cultura, costumes e línguas bem diferentes, mesmo que esse deslocamento se desse dentro do país, de uma região a outra, de uma cidade a outra, é necessário frisar que esses indivíduos estavam sendo atravessados por uma experiência difícil.

O Sr. Vicente não foi o único a expor, em sua narrativa, a materialização dessas mudanças e incertezas. O Sr. Germano Pontes deixou a localidade de Caraúbas, no município de Alto Santo onde residia com a família, para se tornar operário nas cerâmicas de Russas. Ao contrário de Sr. Vicente que migrou na condição de filho, o Sr. Germano era o chefe de uma família numerosa composta pela esposa, onze filhos(as) e um genro que o acompanharam na mudança para o distrito de Flores. Apesar de alguns sujeitos se deslocarem

individualmente, a maioria fazia esse movimento com sua família, podendo, ainda, os familiares se mudarem depois que o pai já estivesse instalado.

A principal ocupação do Sr. Germano e a de seus familiares em seu lugar de origem era o trabalho na roça. Porém, ele narrou que o seu pai costumava receber encomendas de tijolos ou telhas, o que os levava a também trabalharem nas olarias para produzirem essas peças que seriam vendidos a quem as encomendou. Essa experiência de trabalho com o barro foi importante para o entrevistado, pois ao ingressar como operário nas fábricas de cerâmica, ele não só passou a utilizar, como também pode tirar algum proveito do saber que possuía sobre a identificação do barro “bom” e da experiência de preparo da liga argilosa ideal.

Aos 91 anos, aposentado, e depois de ter se separado da esposa, atualmente o Sr. Germano mora sozinho, em uma casa simples, sob o cuidado de familiares que residem na vizinhança. A fluidez de sua narrativa expressa sua grande facilidade no ato de lembrar, apoiando-se em memórias de um passado por ele subjetivado. Suas lembranças lhe permitem construir uma clara narrativa que contrasta com a opacidade da realidade material enxergada por ele na atualidade, devido ao fato de estar acometido de problemas na visão. O entrevistado disse perceber apenas vultos quando olha para pessoas ou objetos, mas seu antigo lugar de morada e as experiências de trabalho lá vivenciadas pareciam estar nítidos em sua memória:

Lá era na agricultura, nós lá trabalhava na agricultura, fomo nascido e criado na horta, nós fazia duas safra por ano né? Nós fazia uma safra do inverno e fazia uma safra de vazante. No rio, Rio Jaguaribe, as nossas terra lá é larga viu? O rio... o senhor acredita que teve ano de nós tirar cinco saco de feijão, rapaz isso era bem procurado esse feijão da vazante, que é um feijão bonito, um feijão limpo né? Um feijão que num tem inseto, porque o feijão do inverno é diferente do feijão do verão viu? O feijão das vazante é um feijão limpo, no que a gente planta, que a gente cava a cova, a gente fasta aquela areia solta primeiro, faz monte assim, quando acabar fura, aí vem a água, aquela água também, aí a gente bota o esterco né? Em cada uma cova daquela a gente bota um lito um lito e mei, bate bem batido cava o buraco e planta (Sr. GERMANO, 2022).

Além do saber demonstrado sobre o manejo do solo para o plantio, é importante destacar que as terras utilizadas eram “largas” e de propriedade da família, localizadas próximas ao Rio Jaguaribe, o que facilitava o aproveitamento da umidade do solo arenoso nas margens para o plantio das vazantes. Esses espaços podiam receber culturas diversas como feijão, batata, melancia, jerimum, entre outras. Nos períodos chuvosos as áreas mais distantes do leito do rio eram plantadas, permitindo, segundo o entrevistado, a obtenção de duas colheitas anuais e uma boa produtividade.

A situação de fartura, por sua vez, nem sempre perdurava para sertanejos tão dependentes da natureza, cuja produção agrícola estava atrelada à regularidade das chuvas e abundância de água no Rio Jaguaribe. As secas periódicas, a construção da Barragem do Castanhão, o desvio das águas para os canais que abastecem os projetos de irrigação e para a região metropolitana de Fortaleza alteraram a dinâmica natural do Rio Jaguaribe, diminuían o fluxo de suas águas e traziam consequências para os ribeirinhos.

Estes sujeitos não enfrentavam apenas obstáculos naturais, pois o descaso e as políticas de estado também contrastavam com o modo de vida tradicional do sertanejo. Basta destacar a política de modernização agrícola implementada pelo estado na região desde fins da década de 1960 através de incentivos à desapropriação de grandes áreas destinadas a projetos de irrigação (SOARES, 1999). Todo esse conjunto de situações que atingia pequenos agricultores foi resumido pelo Sr. Germano com a expressão “o negócio fracassou”, o que o motivou a buscar outras alternativas de sustento para seus filhos, segundo narrou:

Aí eu vim a Limoeiro um dia fazer uma comprinha de fazenda, a gente pegou um dinheirinho mais à vontade lá e concordei com a fãmia [família] disse: - negada eu vou ao Limoeiro comprar uns pedaço de pano lá pá vestir os menino. Pois é. Aí tiremo um dia de feira e viemo no ônibus, tinha um ônibus lá, tinha um rapaz que tinha um ônibus que vinha, aí a gente veio, fizemo a compra, aí lá no Limoeiro quando eu tava lá, fiz minha compra aí fiquei conversando mais o povo, aí vi uma pessoa aqui de Flores, que ele era lá da nossa fãmia lá, um rapaz que se chamava Chico Moura.

- Aí foi disse, Germano você num tem vontade de ir morar em Flores não?

- Eu digo: ô rapaz! Vontade eu tenho, agora num faço é puder.

- Porquê?

Eu digo: - rapaz porque eu num tenho transporte, os dinheiro é pouco. Ele foi disse: - não, se você quiser morar em Flores, eu tenho dois homi lá, dois proprietário lá, se você quiser ir eles mandam buscar.

- O que é isso? manda?

- É o Adalcí e o irmão... e Valdemiro, Adalcí e Valdemiro, eles são os dois proprietário forte lá.

Eu digo: - pois pode dizer a um deles, o que interessar uma família pra trabalhar pra ele, ele mande um carro de hoje a oito dia. Pode mandar que eu tô pronto. E vem pegar aqui no Castanhão, porque lá, eu morava do outro lado do rio, né? Lá eu dependia mais coisa. Aí foi duas hora da madrugada eu meti dos pés lá em casa: rumbora ajeitar as trouxas, rãmo simbora, rãmo já procurar alguma coisa prá nós escapar. Aí eu entreguei a casa a um parente meu, e um terreno que eu tinha. Rapaz você fique, tome de conta disso aqui que eu vou lá empregar meu povo e eu dou um pulo aqui pra vim ajeitar isso aqui (Sr. GERMANO, 2022).

Das questões expostas na narrativa acima, podemos refletir e fazer algumas deduções: A dificuldade de prover o sustento de seus familiares surge, talvez, como principal motivação para a decisão de migrar e estava diretamente ligada ao declínio da produção agrícola. Além dessa motivação podemos acrescentar que a monetarização das relações no campo também pressionava trabalhadores a buscarem trabalhos remunerados.

Observamos, ainda, que assim como ocorreu com a família do Sr. Vicente, a vinda do Sr. Germano acabou sendo intermediada por um parente que já morava e trabalhava nas fábricas de cerâmica em Russas. Por fim, é importante destacar que o proprietário da fábrica foi o responsável por providenciar a mudança, enviando um transporte para buscar o Sr. Germano, seus familiares e seus pertences. Além do traslado o futuro patrão providenciou uma casa para abrigar toda a família no novo lugar de morada.

A estratégia de disponibilizar uma casa para ser ocupada por seus funcionários levou alguns patrões a construir pequenas vilas próximas as fábricas de cerâmica. Tal prática, recorrente no Brasil e em outros países, não pode ser enxergada apenas na sua funcionalidade de habitação, pois, ao ocupar o imóvel pertencente ao patrão, os sentimentos de gratidão e dependência são acentuados e internalizados pelo trabalhador. Isto acaba influenciando na relação estabelecida entre os lados e colabora ainda mais para o controle exercido pelo patrão.

Ao analisar essa questão que envolvia trabalhadores de uma madeireira em Irati - Paraná, Braga (2011) observou que o critério “bom funcionário” pesava para conseguir a concessão da moradia e, após ocupar o imóvel, o patrão e os gerentes permaneciam vigilantes em relação às posturas desses trabalhadores. Ao mesmo tempo em que mantinham o trabalhador próximo ao local de trabalho, as vilas acabavam por constituir lugares de controle e a disciplina o que gerava um rompimento da fronteira entre o ambiente de trabalho e o privado. Em algumas situações, como foi exposto por Decca (1989), a construção de vilas ou bairros operários estavam relacionadas a busca de ordenamento urbano.

Retomando a situação do Sr. Germano na qual o proprietário da fábrica se colocou como provedor do lugar de morada da família, acentuou-se a dependência do novo trabalhador para com o patrão, ou seja, as relações de trabalho já se iniciavam com a balança pesando para um dos lados, e não era o do Sr. Germano que, talvez percebendo essa troca desigual, procurou advertir seu empregador: “Eu digo – rapaz, eu vim aqui num vim enganar ninguém, nem tô pronto pra ser enganado, vim trabalhar pra vocês” (Sr. GERMANO, 2022). Se por um lado, ao dizer que “num vim enganar ninguém” o entrevistado procurou demonstrar que era digno de confiança, por outro, a afirmação “nem tô pronto para ser enganado”, soa como uma condição para que a relação se estabeleça e perdure, talvez estivesse procurando destacar que se tratava de um sujeito experiente, esperto e capaz de compreender sua situação de desvantagem.

Ao deixarem suas propriedades onde trabalhavam como agricultores e se tornarem peões de cerâmica, os senhores Vicente e Germano passaram de possuidores a despossuídos dos meios de produção, mas este é um fato cuja análise não pode ser reduzida apenas ao aspecto da propriedade. Esse movimento de sertanejos que se deslocaram do campo ao galpão, da vida agrícola à vida operária, implicando em mudanças objetivas na realidade material, ao mesmo tempo, gerava mudanças na condição do próprio sujeito, decorrentes das novas relações sociais nas quais se insere. Sobre isto, recorreremos à descrição a seguir:

Indo para a cidade ou obrigados a trabalhar para terceiros, a posição social dos sitiantes também se altera... Quando os integrantes de uma estrutura igualitária como essa abandonam a agricultura de subsistência pelo lugar de assalariado, seja rural, seja urbano, integram-se em estrutura diferente, estratificada em vários graus segundo o poder econômico, e nela vão ocupar o nível inferior da escala social... Além da degradação econômica, sofrem os sitiantes também degradação social. Passam a viver, outrossim, num universo para o qual não foram preparados, pois os valores da vida rural são inteiramente diferentes dos valores da vida urbana (QUEIROZ, 2009, p. 66).

Para a autora, os sujeitos que cruzaram a fronteira da agricultura de subsistência e seguiram para a modalidade de trabalho assalariado foram atingidos, ao mesmo tempo, pela “degradação econômica e social”, uma vez que nesse movimento em busca de melhorias nas condições de vida, eles não apenas deixaram para trás uma sociabilidade camponesa, menos hierarquizada, como também se inseriram em uma estrutura que é estratificada como base no poder econômico, e passavam a ocupar sempre uma posição de inferioridade. Além da inserção social no novo lugar de morada, os trabalhadores que buscaram as vagas de trabalho nas fábricas de cerâmica estabeleciam relações de trabalho distintas das anteriores, pois nas fábricas essas relações já apresentavam uma certa hierarquia, cujos níveis eram ocupados pelo patrão, pelo gerente e pelos demais trabalhadores.

As diferentes funções desempenhadas podiam dar aos trabalhadores algum *status* diferenciado. Por exemplo, aqueles que preparavam o barro quebrando torrões, molhando e deixando “curtir”, assim como os forneiros responsáveis pela queima, eram trabalhadores que gozavam de um certo prestígio por parte do patrão. Nessas duas fases que se situam no início e no fim do processo produtivo, a experiência do trabalhador era fundamental, pois, seja no preparo da liga ideal da argila ou na excelência do processo de cozimento das peças, o saber adquirido e o domínio das técnicas utilizadas eram determinantes para a qualidade do produto final.

O *status*, portanto, poderia advir da importância dessas funções e da experiência necessária para exercê-las. Contudo, não podemos afirmar que esse *status* atribuído a

algumas funções significasse benefícios aos trabalhadores que as desempenhavam. O fato de todos serem chamados de peões é uma constatação clara de que, na prática, todos estavam sujeitos à rotina e ao esforço desgastante dos corpos. Os forneiros, por exemplo, recebiam uma melhor remuneração que poderia ser pelo fato de possuírem certa “especialização”, como também pelo “diferencial” da jornada durante o cozimento das peças de cerâmica.

O Sr. Elimar, 72 anos, nasceu e permanece morando no distrito de Flores, onde também habitam a maioria de seus familiares. Filho de agricultor, ele aprendeu cedo a lidar com a terra, pois era costume os filhos pequenos “ajudarem” seus pais, desde cedo, no cercado. Em 1981 a primeira fábrica foi montada em Flores e nesse mesmo ano o senhor Elimar passou a trabalhar nela. Segundo sua narrativa, transferiu-se para outra fábrica no ano de 1986 onde trabalhou até obter a aposentadoria, depois de somar mais de 30 anos como operário ceramista. Afirmou ter “a vista embaçada” e atribui tal problema na visão à exposição às altas temperaturas quando era forneiro, função que desempenhou por bastante tempo nas fábricas. Em sua narrativa, ele descreveu a rotina de trabalho nos fornos:

Era três dias com três noites, só no fogo. Três dia e três noite. Começava o esquentar bem devagarinho só pra ir esquentando mesmo, aí depois ia aumentando o fogo, ampliando o fogo pra frente, na parte da boca lá até chegar a hora de caldear. Começava com esse esquentar porque se entrasse com muito fogo aí rachava o tijolo (Sr. ELIMAR, 2022).

A narrativa do Sr. Elimar é esclarecedora quanto ao conhecimento e às técnicas empregadas na queima das peças de cerâmica. De início, pouca lenha deveria ser colocada para queimar, evitando uma elevação rápida da temperatura que causaria trincaduras nas peças de cerâmica. Mas, passada a fase inicial de “esquentar” e chegada a fase de “caldas”, a alimentação com lenha deveria ser maior para manter a temperatura elevada. A narrativa do Sr. Vicente, que também desempenhou a função de forneiro, nos dá uma noção dessa tarefa desafiadora:

Aí era puxado. Era de dia e de noite[...] quando nós terminava de botar a lenha dentro do forno, já começava a arrumar pra quando chegasse naquela hora, a lenha já tava arrumada pra rebolar de novo, e era desse jeito né? A gente num tinha quase sossego não. No correr do dia não, no correr do dia era até mais ou menos, mas o mais ruim é de noite, o cabra tá num sono tão bom, aí tem que levantar num sabe? Ou que teje chovendo ou que num teje né? ... uma redinha pro modo a gente descansar o espinhaço, sendo uma lenha ruim a gente descansa pouco tempo né? Sendo uma lenhazinha melhor, dava pra gente tomar um cochilozinho, mas era no sentido todo o tempo nera?... a gente botava uma botada, vinha em casa, tomava um café, aí já voltava de novo, ia ajeitar a lenha né? Esperar que abaixasse um pouquinho pra poder botar de novo, era desse jeito o rojão (Sr. VICENTE, 2022).

A narrativa dos entrevistados sobre o trabalho desempenhado pelos forneiros demonstra a existência de uma rotina diferenciada se comparada aos demais trabalhadores cumpridores da jornada de oito horas. A queima de uma fornalha, por exemplo, de acordo com o Sr. Elimar chegava a se estender por três dias e três noites, com alimentação contínua de lenha nas bocas dos fornos. Desse modo, podemos supor que esses trabalhadores eram melhor remunerados, não somente pelo saber e técnicas que empregavam, mas também, pelo fato de terem uma jornada de trabalho longa e extenuante.

Os forneiros ainda ficavam expostos às altas temperaturas, ao ambiente insalubre, destituídos do direito ao descanso prolongado, além de ter seu contato com a família bastante limitado. Não é exagero afirmar que a situação desses trabalhadores configurava um regime de semiescravidão, e mesmo nos dias atuais, situações análogas à descrição feita pelos entrevistados continuam sendo flagradas pelos órgãos fiscalizadores do governo e noticiadas pela imprensa.⁴

Embora em alguns casos os trabalhadores se diferenciavam pelo saber, experiência ou utilização de técnica específica que elevava sua importância no interior do processo produtivo e junto ao patrão, isso não amenizava a carga que recaía sobre o proletário. Portanto, independente das funções exercidas: cortadores, lanceadores, secadores, forneiros, carregadores, todos esses trabalhadores partilhavam as mesmas condições objetivas e subjetivas no mundo do trabalho, partilhavam uma realidade material e uma condição proletária, e estavam inseridos na categoria globalizante de peões de cerâmica.

Ancorado na proposição de José de Sousa Martins (2009), que considera os conflitos sociais como base para definir a fronteira no Brasil, o autor sustenta que “Na minha interpretação, nesse conflito, a fronteira é essencialmente o lugar da alteridade” (MARTINS, 2009, p. 133). Como lugar de encontro com o outro, de encontro de diferenças, a fronteira é também lugar de desencontros entre culturas, costumes e temporalidades e interesses econômicos distintos, situações geradoras de conflito entre grupos que ocupam um mesmo espaço social, nesse conflito, enxergam e nomeiam o outro a partir de sua visão de mundo, suas necessidades ou intenções.

Nessa perspectiva podemos inferir que o termo “peão” se constitui naquilo que Regina Weber (1980) chama de formulação identitária, que geralmente se revela em meio a essa

⁴ Em outubro de 2021, como foi noticiado pelo Jornal “o Povo”, a fiscalização do Ministério do Trabalho e Previdência - MTE, flagrou, em fábricas de cerâmica localizadas em municípios da região, além de situações de trabalho infantil, trabalhador em “condições de escravidão”. Ver: [Jornal o Povo](#), 2021.

convivência e as disputas no âmbito das fronteiras. A autora acrescenta ainda, baseada na teoria da etnicidade, que essas nomeações atribuídas pelo outro “[...] tendem a ser excludentes ou pejorativas”. Entretanto, nem toda exo-definição englobante tem caráter estigmatizante, desempenhando por vezes a “[...] função simplificadora da categorização social” (WEBER, 1980, p. 8). De modo geral tais definições surgem no contexto do encontro de diferenças e conflitos quando um dos lados se refere ao outro.

Nesse sentido a denominação “peão”, empregada aos trabalhadores das cerâmicas guarda alguma correspondência com os termos, “paraíba” ou “pau de arara” muitas vezes empregados aos nordestinos no sul e sudeste. Em pesquisa, realizada na Zona Leste de São Paulo, Valéria Magalhães (2013) identificou generalizações preconceituosas como “baiano” e “cabeça chata”, e entre esses nomeados “uma tentativa de esquecimento” (MAGALHÃES, 2013, p. 244) ao negarem a existência de preconceitos que a autora interpreta como possível problema surgido na condução de entrevistas.

Por fim, analisemos a dimensão simbólica do termo “peão” que denomina trabalhadores em diversas atividades. No início do jogo de xadrez o peão é a peça que possui menos recursos, com movimentos e prerrogativas limitadas. Transportado para o mundo do trabalho, este termo nomeia trabalhadores cujo maior trunfo no “jogo da vida” é sobretudo seu corpo, sua força de trabalho. Assim, a denominação “peão” na maioria dos casos está relacionada à falta de qualificação, ao trabalhador “braçal”. Na relação de trabalho é sempre o subalterno, o que está na parte inferior da hierarquia. É assim no ambiente urbano da construção civil (peão de obra), no campo (peão boiadeiro), e é assim nas fábricas de telhas e tijolos de Russas (peão de cerâmica).

Considerações finais

As reflexões apresentadas nesse artigo seguem abertas, uma vez que a pesquisa que subsidia a escrita está em andamento. No entanto, os levantamentos já realizados permitiram alcançar algumas conclusões importantes quanto aos rumos e à importância da pesquisa e quanto à compreensão da historicidade do tema explorado e dos sujeitos envolvidos. O artigo apresentou uma nova categoria – peões de cerâmica – e foi construído em grande parte pelas narrativas desses trabalhadores e pelo nosso esforço de interpretação de seus enunciados.

A partir de trechos das entrevistas dos ex-trabalhadores concluímos que as causas da migração são por motivos semelhantes, e mostram-se estar diretamente relacionadas à crise

no modelo de agricultura que praticavam em seus locais de origem, levando-os de maneira quase forçada a buscarem melhores condições de vida em outros lugares. Não se tratam de casos isolados, pois na história do nosso país e do mundo, no passado e nos dias atuais os fatores de expulsão e de atração dos mais diversos, levam indivíduos e grupos humanos a se deslocarem.

No contexto da migração ficou demonstrada a existência de redes de solidariedade, nas quais os primeiros a se deslocarem criavam condições para a vinda de outros, e isto abria caminho e gerava possibilidades de acolhimento aos que vinham posteriormente. Entre as leituras possíveis sobre essas redes, podemos citar os modelos de relações que marcam as comunidades camponesas, nas quais os laços de proximidade e parentesco alimentam entre seus membros uma solidariedade, sendo transportada para o contexto da migração. Por outro lado, essas redes podem ser alimentadas pelos patrões com a intenção de atraírem novos trabalhadores.

Analisamos situações nas quais o patrão atendeu às necessidades do trabalhador que extrapolavam a mera concessão do emprego, como narrou o Sr. Germano sobre o transporte que foi providenciado para ele e seus familiares, além da disponibilização de uma casa para abrigá-los. Compreendemos que essas situações destacam a figura do patrão como provedor e gera no trabalhador sentimentos de gratidão, dependência, respeito, dívida, entre outros. Nesse sentido, um conjunto de condições privilegiavam o patrão e influenciavam essa relação, que passava a se constituir de forma desigual e com clara desvantagem para os trabalhadores.

Ponderando sobre as mudanças nas condições desses trabalhadores, ao se inserirem como operários nas fábricas de cerâmica, não desconsideramos as agruras do trabalho no campo cuja dependência da natureza implicava em obstáculos para a prática agrícola numa região historicamente castigada por longos períodos de secas. No entanto, os trechos citados das três entrevistas explicitaram que o cotidiano nas fábricas era igualmente árduo.

Sobressaiu-se no texto o caso de ex-trabalhadores que desempenharam a função de forneiro, cuja jornada se aproximava à de semiescravidão, situação ainda flagrada nos dias atuais. Por fim, mas não menos penosas, também haviam as outras funções desempenhadas, nas quais os trabalhadores permaneciam “presos” ao ritmo das máquinas, expostos ao sol ou carregando de forma braçal pesadas cargas que muito exigiam de seus corpos.

No contexto de exploração que degradava a condição humana, a nomeação “peões de cerâmica” era empregada como forma de imprimir na subjetividade dos trabalhadores a aceitação da subalternidade e de uma posição social inferiorizada. O termo expressa uma generalização que coloca os operários na mesma condição, geralmente a de trabalhador braçal desqualificado, silenciando o saber adquirido por meio de suas experiências, e negando suas individualidades e suas histórias de vida. O esforço desse trabalho foi trazer fragmentos das experiências desses sujeitos, em uma tentativa de evidenciar as formas como escreveram suas próprias histórias nas páginas de suas vidas.

Referências

- BRAGA, Julio Cesar. A vila operária da Madeireira Gomes: trabalho, moradia e dominação – Irati (PR) – 1950-1985. **Revista Tempo, Espaço e Linguagem**, v. 2, n. 2 p. 68-105 mai./ago. 2011
- CASSAGNAC, Adolphe Granier de. **Histoire des classes ouvrières et des classes bourgeoises** Paris: Desrez, 1838.
- DECCA, Maria Auxiliadora Guzzo. **A vida fora das fábricas: cotidiano operário em São Paulo (1920 / 1934)** – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- FONTES, Paulo. Um Nordeste em São Paulo. **Trabalhadores migrantes em São Miguel Paulista (1945 – 1966)**. Ed. FGV, RJ, 2008.
- LIMA, Humberlúcia da Silva. **O trabalho nas cerâmicas de Russas**. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso em História). Limoeiro do Norte: Universidade Estadual do Ceará – UECE, 2003.
- MAGALHÃES, Valéria Barbosa de. Nordestinos na Zona Leste: memórias e redes de migrantes. In: SANTHIAGO, R.; MAGALHÃES, V. B. (Orgs.). **Depois da utopia**. São Paulo: Letra e Voz, Fapesp, 2013. p. 227-258.
- MARTINS, José de Souza. **Fronteira: a degradação do outro nos confins do humano**. São Paulo: Editora Contexto; 2009.
- MENDES, Francisca R. N. **Modelando a vida no Córrego de Areia: Tradição, Saberes e Itinerários das Louceiras**. Fortaleza: Expressão Gráfica, 2011.
- MENDES, Francisco de Assis. **O Barro de cada dia: oleiros e operários da atividade ceramista no distrito de Flores, CE. (1981 – 1990)**. Dissertação (Mestrado em História e Culturas), Fortaleza: Universidade Estadual do Ceará - UECE, 2012.
- PÁDUA, José Augusto. As bases teóricas da história ambiental. In: FRANCO, José Luiz de Andrade. **História ambiental: fronteiras, recursos naturais e conservação da natureza**. Rio de Janeiro: Garamond, 2012. p. 17 – 37.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. Uma categoria rural esquecida. *In*: WELCH, Clifford Andrew. **Camponeses brasileiros: leituras e interpretações clássicas**. v. 1. São Paulo: Editora UNESP; Brasília, 2009, p. 57-72.

SAYAD, Abdelmalek. **A Imigração ou os Paradoxos da Alteridade**. Trad. Cristina Marachco. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1998.

SENNETT, Richard. **O artífice**. 2. Ed. - Rio de Janeiro: Record, 2009.

SOARES, Hidelbrando dos Santos. Agricultura e reorganização do espaço: **A rizicultura irrigada em Limoeiro do Norte. CE**. Dissertação (Mestrado em Geografia), Recife: Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, 1999.

THOMPSON, E. P. **Costumes em comum**. São Paulo: Companhia das letras, 1998.

VAN DER LINDEN, Marcel. O conceito marxiano de proletariado: uma crítica. **Sociologia e Antropologia**, v. 6, n. 1, 87-110, 2016.

WEBER, Regina. Pesquisas sobre migrações e etnicidade: Conhecer sobre identidades coletivas. **História**, v. 37, 1980.

Fontes

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **IX Recenseamento geral do Brasil – 1980**, Ceará. (Dados distritais), v. 1, t. 5, n. 9.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Censo demográfico – 1991. **Resultado do universo relativos de características da população e dos domicílios**, n. 11. Ceará.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo demográfico**, 2000.

NOBRE, Mirla. Trabalho escravo e infantil é flagrado em Russas, Limoeiro do Norte e Quixeré. [Jornal o Povo](#) [online], 2021.

Submetido em: 22 de junho de 2023.

Aceito em: 24 de agosto de 2023.